

O VIZINHO POETA

*Traduções minhas de poetas queridos
ou elaborações minhas de poemas de outros*

Arte poética

Olhar o rio feito de tempo e água
e recordar que o tempo é um outro rio.
Saber que perdemos como o rio
o que os rostos pensam como água.

Sentir que a vigília é o outro sonho
que sonha não sonhar, e que a morte
que tanto teme a nossa carne é essa morte
de cada noite, assim chamada: sono.

Ver em cada dia ou ano um símbolo
dos dias do homem e de seus anos
e converter o ultraje de seus tempos
em uma música, um rumor e um símbolo.

Ver na morte um sono e no ocaso
um ouro triste, e assim é a poesia
que é pobre e imortal. E a poesia
volta como a aurora volta e volta o ocaso.

Às vezes, nas tardes uma casa
nos olha desde o fundo de um espelho.
A arte deve ser como esse espelho
Que nos revela a nossa própria casa.

Contam que Ulisses, cansado de prodígios
chorou de amor ao divisar sua Ítaca
de verde eternidade, não de prodígios.
Verde e humilde, a arte é essa Ítaca

e é também um rio interminável
que passa e fica e é cristal de um igual
Heráclito inconstante, que é o mesmo e é outro
assim como um outro rio interminável.

Jorge Luis Borges
(claro)

(de Borges)

Será (me digo então) que de algum modo
secreto e suficiente a alma sabe
que é imortal e que seu vasto e grave
círculo abarca tudo e tudo pode
e para além deste afã e deste verso
me aguarda inesgotável o universo.

*Composición escrita em um ejemplar de la
Gesta de Beowulf – 225*

A pobreza

Aí não queres,
te assusta
a pobreza,

não desejas
ir com sapatos rotos ao mercado
e voltar de lá com o velho vestido.

Amor, não amamos
como querem os ricos,
a miséria. Somos nós
quem haverá de extirpá-la como um dente ruim
que desde sempre mordeu o coração do homem.

Mas eu não quero
Que temas a pobreza.
Se por minha culpa ela chega à tua morada,
se a pobreza expulsa
os teus sapatos dourados,
sue ela não expulse o teu sorriso que é o pão de minha vida.
Se não podes pagar o aluguel
sai em busca do trabalho com um passo orgulhoso,
e pensa, amor, que eu te estou vendo
e juntos somos a maior riqueza
que jamais se viu reunida sobre a Terra.

Pablo Neruda

A Pobreza

Los versos Del Capitan

Editorial Oveja Negra Bogotá Colombia - Pg. 66

Um deus sonhado

Desde um mundo que ignoro
tu procedes ardente de beleza
e eu me clareio e há a luz porque eu sei
que existe tamanha formosura. E tu vens
de frente. Vens, e chegas aqui como a folha
cai da árvore e voa até mim e embala o vento.
O vento como o Sol, como um de seus raios
Que és. Que ele é e Sol me envia.
E então eu digo como um som, uma palavra:
que ele sou eu, e sou
e digo a ti que venhas, Deus
e por um momento
e sonhas, como eu, minha palavra.

Angel Crespo

De que livro? De onde?

Foz, na Galícia, janeiro de 1997

(debaixo de tempestade boreal)

O Mundo para além das palavras

Escuta, há dentro deste mundo um outro mundo
Impermeável às nossas palavras.
Nele a vida não teme a vinda da morte
E nem a primavera dá lugar ao outono.

Velhas histórias e antigas lendas surgem de telhados e paredes
E mesmo as pedras e as árvores exalam a poesia.
Aqui a coruja da noite transforma-se no colibri
E o lobo gosta de ser um belo pastor.

Para que a paisagem mude à tua volta
Basta mudares o que sentes
E se queres vagar por entre estes cenários
Basta que digas a ti mesma o teu desejo.

Fixa o olhar no deserto dos espinhos
E vê como logo ele é um jardim florido.
Vês aquele bloco duro de pedra no chão?
Olha bem: ele se move e vira um diamante.

Lave bem as tuas mãos e o teu rosto
Nas águas puras deste lugar
Porque aqui os que te amam te alimentam.
E aqui é o lugar onde todo o ser gera um anjo
E quando um deles retorna com Deus aos céus
Os que se foram retornam à vida.

Já vistes por certo as árvores crescendo sobre a terra,
Mas quem já viu um Paraíso quando ele nasce?
Vistes também as águas de rios e de mares
Mas quem já viu nascerem de uma só gota de água
Tantos e tantos seres tão cheios de vida?

Quem conseguiria imaginar esta Morada,
Este Céu e este Jardim do Paraíso?
Tu, amiga, que agora lêes este poema,
Lê tua alma e traduz o que agora sabes.
E vai, e conta a todos o que aprendestes
Sobre este lugar abençoado.

Rumi

O mundo além das palavras

Sede de Deus – orações do judaísmo, cristianismo e islã

Editora VOZES – Petrópolis, página 180.

Inventário

Secas, sem ares e vivas da vida
o que é igual ao que não é azul
e no escuro do escuro do que existe
cresce no altar do tempo a ara do tempo
e sobre o solo da alma a água apruma
o seu se ir de rio em rio caminho afora
e é tarde e chove e cai um raio e um outro
acende o céu e o céu aclara a noite clara
e é cada estrela como a espera de outra
e o sol da luz lembra ao olhar do homem
que uma vela só clareia o mundo.

Wallace Stevens

(onde? quando?)

A Lua

Pensava que o poeta é aquele homem
que como o áureo Adão do Paraíso
impõe a cada coisa o seu preciso,
verdadeiro e não sabido nome.

Sei que a Lua ou a palavra Lua
é uma letra que foi criada para
a escritura misteriosa dessa rara
coisa que nós somos: numerosa e uma*

* coisa que somos: minha alma e a sua

Jorge Luis Borges

La Luna

133 (de onde?)

E como aquela

E como aquela noite nunca houve
quando a luz da lua como vinho se bebia
e no fim da tarde ela veio leve e fria
quando em tudo o arco-íris das nuvens
desenhava as sete cores de que o sol
fiava a roupa do atardecer e se cobria
de vermelho e de roxo, de azul e cinza
e de tristeza e solidão, paz e alegria.

Meu mesmo

(com Borges?)

outro

em que a ninguém
verei e assim
verei então o outro

Borges (claro)

156 (obras completas em espanhol? em português?)

T. S. Eliot

Rumo ao mar eu os vejo, cavalgando ondas
Penteando as suas longas crinas brancas e encrespadas
Quando o vôo do vento revolve
águas negras e águas brancas.
Nós dois no abandono ficamos
Nas mansões do mar, sua morada
Entre ondinas e véus de algas claras e cor de púrpura.
Até quando outras vozes de homens nos despertem
E, então, morreremos naufragados.

Tradução livre e criativa da penúltima páginas do

A canção de amor e morte de J. Alfred Prufrock

De T.S. Eliot

Neruda

Tenho uma doença
Que me rói
E não verei meu planeta
Convertido em rosa.
Trago em mim uma morte antecipada
E de meu país ao Sul
Não verei a hora da festa,
A alegria na rua.
Tenho uma tristeza que me amarga
E se me perguntarem porque
Direi que não,
E que o silêncio da lua
Fale por mim e julgue.

*Na página 17 de defeitos escolhidos e 2000
Pablo Neruda*

*Diálogo com Rainer Maria Rilke
às voltas com os Sonetos a Orfeu*

12

Deseja ser outro: transformar-se. Que a chama te entusiasme
Onde algo te escape e seja o sinal da raiz da transformação.
O espírito da criação, o mestre da Terra
No desejo da imagem ama, mais que tudo, o ponto da mudança.

O que está preso no que permanece já é da pedra e já é pedra,
Acaso se crê seguro, abrigado nas mãos de uma queda invisível?
Espera: a dureza mais densa e amarga adverte ao que dura
E, então, é aí que o martelo ausente ensaia o gesto e quebra.

Aquele que jorra como a fonte, o reconhecimento o acolha
E o guia feliz de ser através da criação pacificada
Ele, que como a fonte das origens se revê e recomeça a cada dia.

Todo lugar de ventura é filho ou filho da filha da ruptura
E é através dela que eles, perplexos, atravessam.
E Dafne como raízes,
Como o loureiro, deseja que tu te transformes em vento.

Veja as flores e o ser tão fiel à terra
A quem damos um destino à beira do destino.
Mas, quem saberá? Quando elas pranteiam o morrer
Somos nós aqueles por quem elas choram?

Tua deseja voar. Com peso nos pés andamos no mundo.
Pesamos sobre tudo e com o pesar nos encantamos.
Ah! Que senhores da fartura não somos nós para tudo
Só porque há em tudo a fortuna de nossa distante infância.

Flores. Se alguém as quisesse
para o silêncio do sono e nele dormisse
Profundamente, entre as coisas – como então amanheceria leve
E diferente num outro dia,
ao chegar a uma tal profundidade do sentir

Ou talvez por lá ficasse. E as flores floresceriam de louvar
Aquele que se converteu e agora parece haver aprendido a ser
Como todas elas, as irmãs silenciosas dos ventos do Prado.

Destinos

Revisita a poemas de ESTRAVAGÁRIO, de Pablo Neruda.

Eu li este livro e escrevi poemas e fragmentos meus, sobre os de Neruda, ao longo de vôos de avião entre o México DF e Londres em 1982. Depois eu o levei a Manta, no Litoral do Equador, em setembro de 1989.

O que é traduzido de Neruda está em itálico.

Um

Certificados do olho longo e lento
Inscrições na unha da amêndoa
E título na erva da manhã.
Um toco de vela, um de lápis
uma Rosa dos Ventos, um rosário
o inventário de nomes em que crer
um almanaque escrito em língua antiga
um breviário romano, em livro celta
e o calendário dos dias de viver.

Dois

Se trata que tanto eu vivi
Que quero viver outro tanto
E reviver em quem fui,
quem em deixei em algum canto.

Nunca vivi sem querer
Viver de novo e agora.
Nunca custou tanto a vida
Entre meus lábios de auroras.

Página 11

Três

E chega a morte ao calendário
E de negro tinge o dia e a hora
E o que foi lonjura em céu de maio
É o tempo que cabe num agora.
É o tempo da ceifa e da colheita
Do que é seiva em nós e nos acolhe
Sob o teto da casa da memória.

Página 17

Quatro

A prisão da memória
Amedronta o poeta
Entre três e seis horas
Ele teme o encontro
Entre o pássaro e o tempo
Entre a terra e o retorno
Entre a alma e o animal.
Ele teme o retorno
Outra vez, como sempre
da noite e do vento.

Página 20

Cinco

Guardo para ti essas noivas selvagens
Que haverão de tecer a primavera
E que não conhecem o pranto
Guardo para a noite que te habita
Essas luzes de fogo e de agosto
E murmúrio de um velho bruxo
Sobre os mistérios do mundo.
E mais as flores, o mel, o odor dos campanários
De torres de igrejas onde deus é pombas
E o sopro dos ventos e o rumo da vida.

Página 25

Seis

E sou um professor da vida
E da morte, um estudante
E se o que eu sei não lhes serve
Nada eu disse e eu disse tudo.

Página 31

Sete

Como então fosse ontem e eu, pequeno
Com a mão direita apontava as estrelas
E segredava entre os dentes os seus nomes.
E pensava que o poder de soletra-las
Me fazia grande e eterno como a noite.
Um momento, um só momento desses
Salva o homem da morte e do esquecimento.

Página 32

Oito

Mais um pouco e não te veremos
Lua, irmã, luzeiro da noite escura.
Mais alguns minutos de vôo ao norte
E irás sumir atrás da última janela.
Mais alguns momentos e apenas
A tua luz de mil velas de festa de aldeia
Haverá de iluminar a asa do avião.
Brilha, portanto, como num altar
Diante da mulher que ora de joelhos
E como tu, irmã, vestida de branco
Não sabe mais se crê em um deus
Ou se o cria só de estar ali de joelhos
Vestida de branco, atenta e acesa.

No mesmo vôo entre o México e Londres, sobre o oceano

Na noite de 4 de setembro de 1982.

Página 36

Nove

Que eles descubram a aurora
Cavando a noite com as duas mãos
E aos seus nomes dêem beijos.
Que eles aprendam com as aves
O calendário do outono
E voem como em setembro
As folhas secas ao vento.

Página 39

Dez

Agora, vistos do alto
Enquanto a manhã amanhece
Lugares que conheci vagando
A ponta dos dedos nos mapas.
Lugares reais como a noite
Como os silêncios que agosto
Semeia no coração.
A península do Labrador
Os grandes mares do Norte
ilhas e ilhotas de gelo
Que os ventos do Ártico sopram
E depois com força empurram
Contra os calores do Sul.

Página 43

Onze

Caminhos, eu os encontro
Mais me perdendo que achando
Pois se não me perco, onde
Posso encontrar-me encontrando
Caminhos que por perdidos
Deram em caminhos e encontros.

Página 50

Doze

Como no Chile, beiras do mar
Em Punta de Tralca.
Éramos sérios, salvaríamos o mundo
E dizíamos as palavras pungentes
De quem sabe que vai salvar o mundo.
Mas eu muito me esqueci do que disse
E do que eu ouvi.
Mas nunca irei esquecer o canto triste
O piado marinho daqueles pássaros do Pacífico
Que eram como anjos cheios de luz
E voavam como magos sobre as ondas
E o vento frio do sul.

Página 52

Treze

Enquanto escrevo estou longe
E quando eu volto, parti:
Vou ver se com outras gentes
Acontece assim como a mim.
Se eles são tantos como eu sou
E se comigo parecem.
Quando eu tenha averiguado
Vou saber tão bem as coisas
Que para explicar meus dilemas
Falarei em Geografia.

Catorze

Com suas duas geografias
Escritas nas línguas em que falam
Alguns rapazes do Ceilão
Davam berros que ninguém ouvia
Numa esquina em Picadilly Circus.
Os cartazes que ninguém lia
Gritavam contra os tiranos
Que em terras distantes
Bebiam o vinho, gordos e surdos.
Morenos homens, baixos e vestidos de terno
Irmãos do meu silêncio na tarde fria
Que entre brumas nos acolhe de repente
E por um instante nos faz cúmplices.
Porque eram as quatro horas da tarde
E era frio e ventava e ninguém ouvia.
Então parei por momentos na beira da calçada
E num tímido gesto esquivo de estrangeiro
Quis unir aos seus gritos de guerra
A um deus, a um povo, a um quem?
O meu aprisionado grito companheiro.

Quinze

Passou um cachorro e uma monja
As estrelas de Órion e um vaga-lume
Uma semana e um ano e um arco-íris.
Passou o lavrador do oitavo dia
E uma braçada de rosa e açucenas.
Passaram as horas de viver ainda
E mais a soma dos anos esquecidos
Num calendário deixado na estante
Do quarto de uma moça cega
Que não viu nada passar e vive apenas.

Página 68

Dezesseis

E onde estás, vou perguntando
Se os teus olhos desaparecem.
Quanto tarda! Penso e me ofendo
Eu me sinto pobre, tonto e triste
e chegas eras como um brisa
que sopra e soa sobre os laranjais

página 94

dezessete

O Douro que ontem subia azul
Por serras e aldeias de Portugal
Desce hoje verde e verdeja os vales
Carregado do calor de setembro.

Página 108

*Eu viajava de trem por Portugal indo Lamego
E vindo de Lamego.*

Dezoito

Houve um sábado no mar do Rio
O sol se escondia entre montes
E era tarde e era dia ainda.
Em um lugar de azul e nuvens
Havia nas províncias do céu
Dezenas de gaivotas voadoras.
Pássaros marinhos da alegria.
As pessoas da tarde comiam
Porções de pão com cerveja
E eram, como os pássaros, felizes.
Porque era sábado e a praia
Saltimbancava magias
Que os meninos com pás de plástico
Nos seus baldes recolhiam.

Página 110

Estaria eu já no Rio de Janeiro?

Dezenove

Entre morrer e não morrer
Me decidi pela viola
E nessa intensa profissão
Meu coração não tem trégua.
Porque ali. Onde menos me esperam
Eu chegarei com minha tralha
para colher o primeiro vinho
Entre os assombros do outono.

Para dizer às flores de abril
Que enfim amanhece e a chuva
Precisa tanto delas como do sol,
Quanto do canto e do amor.
Por isso poeta, sigo nesse ofício
de surpreender a cidade e a vida
Com goles de vinho e vento.

Página em branco, final

Deixei sem saber se este poema nerudiano e de Pablo Neruda ou meu.

De qualquer forma, uma tocante coincidência.

Ontem enviei para a editora o meu livro: as flores de abril.

Hoje as mesmas palavras aparecem de repente em um poema.

Vinte

E esses barcos, como os velhos
Vieram assentar na areia
E já não viajam mais.
Inclinaram o casco e o mastro
E usam bengalas e chinelas.
Foram um dia a viagem

E ao sol esquecem de onde partiram
E quando aportaram aqui.

Página 181, do índice final

Vinte e um

Eu te buscarei a quem amar
Antes de que já não sejas mais um menino.
Depois te toca abrir com as mãos a caixa
E comer os teus sentimentos e o pão.

Tenho rainhas encerradas
Como abelhas em meu domínio
E, uma por uma, tu bem verás
Como elas procuram no vento o bem
E pranteiam na colmeia o mal
Para se vestirem de maçãs
Para voarem entre cerejeiras
Para palpitem na fumaça.

Guardo para ti essas noivas selvagens
Que haverão de tecer a primavera
De colher entre as frutas, uma de ouro
E que por isso não conhecem o pranto.

No relógio do campanário
Esconde-te enquanto desfilam
As iluminuras do amaranto
Entre as últimas filhas da neve,
As perdedoras, as vitoriosas,
As coroadas de amarelo,
As infinitamente obscuras
E algumas, ternas, pausadas
Farão o seu baile transparente
Enquanto outras ardendo passam
Fugazes, como meteoros de luz
De uma luz que se acende sem fogo
Ao rumo de um gesto, um aceno.

Dize-me, qual desejas já, agora
Meio tarde seria tarde demais.
Pois hoje acreditas no que te digo
E amanhã negarás até esta luz.

Hoje sou eu quem fabrica sonhos
E na minha casa de pluma e de pedra
Com uma faca e mais um relógio
Conto eu as nuvens e as ondas
Com o que sei de geometria
E faço crescerem seres sem rumo
Que ainda irão nascer um dia.
O que eu quero é que te queiram
E que não reconheças a morte.

nas páginas em branco finais do livro

vinte e dois

Com nuvens e crepúsculos
Estrelas, marés e centauros
Corrijo todos os dias
A minha rosa-dos-ventos.
Com os objetos da vida
Conselhos, mitos e sonhos
Panelas e veleiros, panos
Todas as noites revejo
Os mapas de meus enganos.

na última (agora sim) página do livro em branco

vinte e três

revisão do mesmo poema, na mesma página

Cansaços, vigílias, sonhos
Painéis, pães e veleiros,
Todas as noites revejo
Os mapas de meus inventos.
Marinheiro aprendiz, reaprendo
O pulso que freme abaixo
Da arquitetura dos mares.
Faz tempo deixei ao leme
O poder de achar seus rumos
No itinerário dos ventos.
Não sei que dia de agosto
Me faz esquecer pra sempre
Que a morte é só o convívio
Do viajante com o porto.

*Sem indicação de data, mas na página 175 de
O estravagário, e que é a página final do
Último poema de Neruda, está escrito a mão
O seguinte: chegando a Recife, madrugada de
14 de setembro de 82.*

*Chegando de Lisboa. Pois no desenho de rumos
Que fiz com a mesma caneta na contra-capa do
Livro, estão assinalados: Campinas/São Paulo/Rio/México/
Inglaterra (e setas indicando três cidades)/Portugal.
E, em Portugal: Lisboa/Porto/Lamego/Alba da Foz
(houve mesmo uma esquecida cidade com este tão lindo
nome: Alba da Foz?)*

*Acabado de ser revisto e transcrito na manhã de
Dias de muita chuva, na Rosa dos Ventos, em
Seis de janeiro de 2005, aniversário de André e
Festa de Santos Reis.*

de um homem

Diga, então que tudo
É só a serenata
De um homem
Que o violão azul tocava.

*Na página 62 de POEMAS
De Wallace Stevens – o poema é dele.
o bicho-que-guarda*

Eu vou, e eu sei

E no alto a cruz, no alto
me diz o que vaga
em minha alma
e faz em mim
o ardor de navegar.
E vou, e sou e sei
que de Deus a eterna calma
Só encontra quem foi
para um dia não voltar.

*Com Fernando Pessoa
Em um dos poemas de Mensagem*

*Poemas e fragmentos escritos em um livro em espanhol com
poemas de Pablo Neruda*

Primeiro

Alguma coisa de uma fuga imensa
Que não se vai e que arranha dentro
Algo que casa as palavras, que fundos poços
E algo que contra tudo se lança e contra todos
Como à noite fazem os prisioneiros
Contra o terror sem fim dos calabouços

Campinas/Rio a caminho de Roma em 10 de dezembro de 1985.

Segundo

E estavam os objetos da noite
pregados no vidro da janela
como a lenta memória
das asas de gaivotas azuis
mortas em alto mar, longe da terra
em busca da flor das esmeraldas
e os sorrisos dos desaparecidos
na bruma da manhã.
Na densa nuvem úmida da amanhã
Onde nascem, todos os dias nascem:
Bailarinas, mágico e mortos.

Milano/Assisi, 20 de dezembro de 1985

Terceiro

Aqui, neste lugar chamado cerrado,
Sertão, onde o ilimitado espia o próprio aço
e de seu corte não reconhece onde termina,
aqui onde o cor de mil pássaros
não roça ainda o mapa de Minas,
O território marinho entre os monte
Onde qualquer caminho é princípio e fim de si mesmo,
Porque nada parte e nada chega:
Goiás, o infinito vagar entre os dias sem horas
E as noites sem fronteiras.

Quarto

E então, noite fria,
Quando imenso rouba do céu
O rosto e o nome das estrelas
Com que se orientam os poetas
Então ,eu te dizia sem desamparo
Que esta toca de flores e de ruínas
Nasceu assim nos adros de minha alma.

Nápoles/Roma, 29 de dezembro, chegando para partir.

